

ALVA.

JORNAL

LITTERARIO.

*A Litteratura é a expressão
da Sociedade.*

Bonald.

TOMO I. — NUMERO 5.

MAIO DE 1850.

PARAHYBA.

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ RODRIGUES DA COSTA.

Rua Direita N. 8.

1850.

**POETAS BRAZILEIROS.**

Manuel Ignacio da Silva Alvarenga.



Descendente de paes pobres, nasceu Manuel Ignacio da Silva Alvarenga na villa—hoje cidade—de San' João-d'Elrei em Minas Geraes, capitania que então era assim como a do Rio-de-Janeiro e as do sul do Brazil, sob o governo do capitão-general Gomes Freire de Andrade.

Faltando-lhe os precisos meios para incetar uma educação, qual convinha ao talento com que o dotára a natureza, e de cuja elevação elle déra indicios desde a sua infancia, Alvarenga obteve de seus amigos uma subscrição, mediante a qual pôde passar-se para o Rio-de-Janeiro, afim de ahi receber a instrução secundaria. Seguiu depois para Coimbra, em cuja Universidade recebeu o grau de bacharel em leis.

Ahi sua viva imaginação, e o superior talento poetico, que elle então começava a cultivar, fructificaram tam feliz e admiravelmente, que em pouco tempo lhe grangearam os mais subidos e lisongeiros applausos dos lentes, e dos condiscipulos.

Findos os seus estudos, saudades e verdadeiro amor da patria chamaram-n'o e troxeram-n'o ao Brazil, decorridos alguns annos, durante os quaes elle exerceu a advogacia em Lisboa, fruindo lá mil bens que não hesitou em pospor ao doce gosto de tornar para seus lares. Manuel Ignacio da Silva Alvarenga foi então residir no Rio-de-Janeiro, e continuou com a mesma profissão que havia ja abraçado.

Era porém chegada a epocha em que este bom brasileiro tinha de dar a par dos fructos gloriosos do seu ingenho, tambem um claro testemunho dos nobres sentimentos, que nutria, em favor dos progressos e da prosperidade de seu paiz. Começára ella com o vice-reinado do grande Luis de Vasconcellos, que tomou as redeas do governo do Brazil em o anno de 1779. Este illustre varão, decidido amante da litteratura, apreciando devidamente o merito de Alvarenga, deu-lhe para reger, em uma aula pública, uma cadeira de Rhetorica; e desinvolvendo para com elle a mais sincera amizade, patrocinou-o quanto lhe foi possível.

Por esse tempo havia ja no Brazil bastantes sabios e grandes litteratos; comquanto porém tivesse apparecido ja a tentativa de crearem-se academias litterarias, nada sôbre isto se havia ainda effectuado de verdadeiro proveito; porquanto uma — a primeira, installada na Bahia sob o govêrno do conde de Sabu-

gosa, e algumas outras que depois alçaram-se, pouco tempo tinham tido de vida.

Manuel Ignacio da Silva Alvarenga de mãos dadas com o distincto brasileiro José Bazilio da Gama, e tendo em muita consideração o valor das lettras para o adiantamento de uma nação — concertando ambos de se aproveitarem das boas intenções do vice-rei — trattou de organizar uma nova associação, que em si contivesse as mais cultas intelligencias do Brazil. E installando d'est'arte uma excellente academia, abriram estes dois litteratos as portas á uma brilhante epocha, na qual o amor das lettras ia fructificando sob felizes auspicios, e promettia ao Brazil um futuro bem risonho.

Eis que porêm tão ricas esperanças murcham repentinamente sob a influencia de um genio suspeito e mesquinho. O conde de Resende que em 1790 succede no govêrno a Luis de Vasconcellos, homem aquelle de carater inteiramente opposto ao d'este, arrecciando-se da influencia das pessoas illustradas, e descobrindo n'ella fortes motivos de desconfiança, não só dissolve a academia, sinão que até persegue os principaes membros d'ella. Vai entre estes Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, que recolhido á cadeia passa n'ella quasi um anno, sem que entre tanto se lhe proceda a formação de culpa.

Recuperada a sua liberdade Alvarenga retirou-se á solidão, e passou n'ella o resto de sua vida.

Foi então que dedicando-se inteiramente á poesia deu elle largas á imaginação que lhe criava mil imagens incantadoras, e que o arrebatára para um mundo de brilhantes illusões, entre as quaes lhe surria a linda Glaura, maravilha de seus sonhos poeticos, e feliz heroína de seus cantos amorosos.

E' com a imagem d'illa gravada no pensamento, que elle segue por montes e por prados, e contempla o assomar da aurora e o pôr do sol; folga imaginando-se bem fadado d'amor, ou chora seu triste fado.

Umaz vezes merencorio *intrega ao ar os seus miseros suspiros*, e pede a Amor que os conserve, esperançoso de que ella, que pela tarde costuma *esperar alli o declinar da calma — como a deusa de Cythera, quando sai do mar* — visitará talvez aquelle triste retiro, e os ouvirá ainda; pede ao echo que lhe repita então as suas queixas, e á *asperiza das grutas* que lhe *retrate o seu penar*.

Outras vezes, *tendo plantado n'alma o puro agrado, que pendia de seus olhos, e vendo em lugar de terno amor nascerem crueis abrolhos*, elle desesperado deixa suspensa de um loiro e abandonada a sua *desgraçada lyra, que moveu de ternura a se-*

ras, troncos e rochedos, e so não pôde abrandar o rigor da ingrata Glaura.

Outras, contemplando pezaroso o assomar da formosa e branca lua, cujo rosto lindo vem achá-lo entre pallidos desmaiados, elle accompanha com suspiros o susurro do rouco vento, que se move entre as folhas da mangueira antiga. A cansada phantasia intregando-se a saudade lhe começa a delirar; e assaltam-n'o, e ferem-n'o melancholicos cuidados que querem devorá-lo, quaes espectros esfaimados. Elle se enche de pavor, e rompe em tristes lamentos, quando escuta o lugubre gemido que do cajueiro visinho lhe manda a ave agoureira; e depois... chora, saudoso de sua adorada Glaura, fadada com a mesma sorte da infeliz roseira dedicada a seus amores, e cujas flores, mal se abriram, o pesar desfolhou-as. Debalde para lhe coroar os cabellos esperou elle os bellos dias da risonha primavera! Glaura já não vive... e a sua pobre roseira elle a vê esteril, nua, desmaiar junto d'agua! Seus males são horrorosos; a seus olhos tudo se veste de uma escura névoa; a desventura vem com elle assombrar os valles!

E' n'este genero de poesias que Alvarenga mais se distingue. Sabendo agradar ao ouvido com uma facilidade e abundancia de rima certamente raras, o poeta parece com o pensamento derramar junctamente o coração nas ricas expressões de que se serve para retratar o amor, o ciúme, e a saudade, que debaixo de seus pinceis recebem côres tam vivas e tam fieis, e formam quadros tam bellos e incantadores, que arrebatam e illudem a alma. E é d'est'arte que elle veio por uma senda gloriosa a collocar-se entre os primeiros lyricos brasileiros.



A PALAVRA.

SUA IMPORTANCIA E SUA MISSÃO.

« La parole n'y est pas seulement, comme
 « ailleurs, un moyen de se communiquer ses
 « idées, ses sentiments et ses affaires; mais
 « c'est un instrument dont on aime à jouer
 « et qui reanime les esprits, comme la musi-
 « que chez certains peuples, et les liqueurs
 « fortes chez quelques autres. »

(M.^{me} de Stael.)

« Bem como o corpo ha precisão d'exercício
 « para gostar do repouso, assim necessitam as
 « almas de conversar juntas, para sós medi-
 « tarem com fructo. »

(Traduzido do Inglez.)

Foi por sem duvida o dom da *palavra* o mais evidente dos discrimens, que o Supremo Autor de Todo-o-Creado constituiu de permeio das duas classificações mais geraes do genero dito animal. He, em verdade, hum facto irreductivel phisicamente attestado o quanto a especie irracional sobrepuja a humana, quer na proceridade e nas forças phisicas, quer na celeridade e n'outros meios conducentes á seu bem-estar, quer alfim na facilidade da consecução de soccorros tendentes á sanar suas precisões corporeas; por isso que não destinada essa especie á hum progresso successivo, simultaneamente com a existencia entra na fruição dos dons que a *natureza* previdente houve por bem conceder-lhe — porisso que, repetimo-lo, submettida ás indeclinaveis leis da fatalidade, não se determina á pôr-se em acção conforme ás noções da consciencia e do raciocinio; como força bruta que ella he; machinalmente he que attinge a satisfação de suas necessidades. Mas, no entretanto que a aquisição d'esses soccorros materiaes he naturalmente mais difficultada ao homem, em relação ao bruto, aprouve ao Creador como em compensação d'essas deficiencias sobremaneira palpitantes, erogar-lhe com a corôa da grandiosa obra da criação não só a excellencia da organização do corpo e dos sentidos, se não tambem os dons do espirito á par d'essa sublime faculdade de conhecer, que na terminologia tecnico-philosophica tem em a sua mais lata accepção o nome de — RAZÃO —; dons estes cuja importancia seria quasi nenhuma, e nem seria tão manifesta, si os actos á elles referidos jamais passassem do estado d'embryão, si nunca podessem ser oralmente diffundidos.

Por quanto, si bom que ao bruto não he dada essa vista externa metaphisica, pela qual o homem se eleva á contemplação immaterial, he phisicamente evidente com tudo, que lhe não são extranhas a intelligencia e a cogitação até hum certo gráo. E pois, sob esta relação, nenhuma controversia rasoavel pode soffrer a proposição, que acima aventurámos. Mas prescindamos agora do paralelo propriamente especifico, abstraiamos tambem de ventilar, si he ou não divina a origem da palavra; visto que he obvio, que esta em tempo algum abdicará o character essencial de expressão sensivel da vida interna — de symbolo de todas as phases do pensamento — de phenomeno do acto intellectual — e encaremo-la por outros perfis não menos lisongeiros á nossa argumentação.

A aptidão pelo Creador no homem infiltrada, para, associado com os seus homogenios, realizar por meio do concurso das suas faculdades a lei fundamental dos seres racionais e livres, he huma qualidade fundamental, he hum character distinctivo do homem. Por natureza vive o bruto huma vida de isolação, vive reduzido á sua propria individualidade; e quando muito, apenas se restringe á associação instinctiva; porque he incapaz de chegar á percepção de relações, e á concepção de fins para si, e para a classe a que pertence: o homem, pelo contrario, sendo d'entre todos os seres o unico, que abrange pelo vehiculo de suas faculdades intellectuaes as relações existentes entr'os homens, e entr'o homem e o universo; e além d'isso, dotado d'hum character sympathico por tudo quanto existe, he tambem o só susceptivel por esse duplo poder d'alma de conceber os grandes progressos á cuja cultura pode ascender; porque, di-lo hum celebre Philosopho Allemão, *pode comprehender e sentir a união estabelecida entre todos os seres*. Mas, para complemento e alcance do fim da sociabilidade, absoluta necessidade havia da concessão d'hum orgão, que, promovendo a coexistencia pessoal d'hum modo efficiente, podesse por huma comunicação reciproca attingir o seu escopo; porque esse germe fecundo de união fatalmente doado, e desenvolvido pelo ser intelligente, livre e racionalmente, sendo isolado do dom da *palavra*, ficaria como que estacionario, e nem iria por diante em seus effeitos; visto que lhe fallecia a condição *sine qua non* para a produção d'elles: e assim, não foi extrinseca dos calculos da formação do homem a attribuição da *palavra*.

Ella, conseguintemente, estremando por o modo mais lucido o homem do bruto, fazendo-o verdadeiramente social, he o instrumento que dilata a esphera de seu ser; he o canal directo da expansão de suas faculdades mentaes. — « Si nos limitarmos só á « meditação, diz hum celebre escriptor do reinado d'Anna de Inglaterra, sempre ficamos na indigencia: na solidão o pensamen-